

“INTERAGIR É MINHA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA”

CARLOS PRONZATO

Entrevista e Apresentação

Matheus Machado Vaz¹ e Valdeci da Silva Cunha²

Apresentação

Em que pesem as discussões sobre o cineasta baiano Glauber Rocha manifestadas em torno da sua célebre afirmação que, para um cineasta, bastaria “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”³, a presente entrevista, realizada com o escritor, cineasta, teatrólogo e ativista social Carlos Pronzato, nos coloca diante de um inquieto intelectual multimídia, para quem a frase talvez se encaixe como uma luva na contemporaneidade. Nascido na Argentina em 1959, e desde 1989 residente em Salvador, Bahia – e aqui talvez não seja única coincidência com o diretor de *Terra em Transe* –, sua produção cinematográfica, foco central de nosso interesse para esse depoimento, já ultrapassa a casa de 70 filmes, em sua maioria documentários. Em

¹ Especialista em Jornalismo Cinematográfico pelo Centro Universitário Una (UNA). E-mail: <matheus.machado@gmail.com>.

² Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: <valdeci.cunha@gmail.com>.

³ CANTARINO, Carolina. Glauber Rocha. Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça! Era só isso mesmo? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 51, jan./mar. 2007.

sua cinematografia, constam vários trabalhos sobre o Brasil como, por exemplo, *A revolta do Buzú* (2003), *Carlos Mariguella – quem samba fica, quem não samba vai embora* (2011), *A partir de agora – as jornadas de junho no Brasil* (2014), *Dandara – enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito* (2013), *MSTB – 10 anos de lutas e resistência* (2014), assim como os que tematizam as trajetórias de escritores importantes de nossa cultura intelectual como Jorge Amado, Castro Alves e Euclides da Cunha.⁴ Ao mesmo tempo, seu interesse recai sobre a América Latina, por onde percorreu vários países, o que lhe proporcionou, como poderemos ver no resultado de seus trabalhos, um contato importante para a sua experiência como, dentre outras, documentarista. Em sua estante, constam realizações como *La rebelión pinguina – los estudiantes chilenos contra el sistema* (2007), *Buscando a Allende* (2008), *Madres de Plaza de Mayo – memória, verdade, justiça* (2009), *Mapuches, un pueblo contra el Estado* (2010), dentre outros.

Mas quem é esse cineasta que parece ter um fôlego e uma disposição gigantesca para estar sempre “onde o povo está” – talvez em um ângulo bem diferente do proposto pelo musicista “popular? Nas palavras do próprio Pronzato, ao ser perguntado sobre a sua produção, ele não vacila ao responder que “explicar os outros é fácil, explicar você é difícil”.

⁴ Um bom levantamento da produção cinematográfica de Carlos Pronzato pode ser encontrada no site “Bakunin Digital”. Cf. BAKUNIN DIGITAL. Disponível em: <<http://lamestizaaudiovisual.blogspot.com.br/2008/12/lista-de-audiovisuais-de-carlos.html>>. Acesso em: 13 maio 2016.

Movidos, então, pelo interesse em uma conversa em que pudéssemos entender melhor suas formas de trabalho, seus interesses temáticos e, em linhas gerais, qual a sua inserção nos principais debates políticos e sociais contemporâneos ao ter como um dos principais meios de expressão, se não o central, a câmera, formulamos algumas questões que nos instigaram ao travarmos conhecimento de sua produção audiovisual.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você disse que o *Maio Baiano*, em 2001, representou uma mudança na sua produção. Fale um pouco sobre essa transformação, o que te impressionou, o que te fez querer produzir o que você produz hoje.

Carlos Pronzato: No *Maio Baiano* (2001) o título faz referência ao Maio Francês. Foi em função dos estudantes que estavam na rua aqui na Bahia, né? Estavam lutando contra a questão lá da fraude que o ACM tinha feito lá em Brasília no Painel do Senado. Aquela votação em que ele tinha em mãos uma lista com todos os nomes, sabia como tinham votado as pessoas. Isso gerou umas marchas aqui. Uma delas, que se dirigia à residência dele aqui na Graça, teve que atravessar a Faculdade de Direito e Administração aqui na UFBA, que é território federal, mas a polícia entrou e teve aquela repressão toda. Eu estava naquele momento praticamente vindo das manifestações dos 500 anos do Brasil. Naquelas comemorações dos 500 anos, eu tinha ido a Porto Seguro, fiz uma série de fotografias sobre o tema, então eu já estava

como me metendo um pouco mais na questão, saindo da ficção. Eu recentemente tinha feito um curta sobre Canudos, a Guerra de Canudos, e vinha trabalhando sobre esse tema desde o ano 92. Só que em teatro, poesia, outros formatos, tinha feito um livro, montei uma peça de teatro. Eu fazia muito teatro. Eu fui entrando aos poucos. E eu considero que foi Canudos que levou a uma espécie de mudança, pela questão histórica. Porque eu levo muito em conta, sou muito ligado com a história, à oralidade. E quando percorri este continente todo li muito de história. Então Canudos resumia muito isso, essa resistência ao poder central, camponeses arrebatando lá no ponto alto do mapa do interior do sertão, uma Bahia diferente dessa que a gente vive aqui, que é o litoral. E aqui nos anos 1999 e 2000 eu estava trabalhando na Telecurta. Aí vieram os quinhentos anos do Brasil, com toda aquela resistência que houve, aquela campanha que chamava Outros Quinhentos, e em seguida o tema do ACM e dos estudantes. Então aí eu mudei basicamente o... não digo o olhar, porque o olhar já vêm bastante treinado para questões sociais, só que eu colocava isso mais no teatro, na literatura. Foi aí que eu mudei mais para o documentário. E o *Maio Baiano* foi um documentário que teve bastante circulação. E bom, ele teve um sentido mais de protesto, um trabalho mais simples, feito na hora...

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Foi seu primeiro documentário ativista?

Carlos Pronzato: Eu acho que foi, viu. É por isso que digo, não é tão antiga assim a minha história. Acontece que são muitos trabalhos, entendeu? Em praticamente 15 anos. Claro que tem toda uma bagagem prévia, anterior, de trabalhos. Mas explodiu mais ou menos depois dos quinhentos anos do Brasil. É como eu te falo, tenho um conteúdo também vindo da história do Brasil e da América Latina. E sobre a Guerra de Canudos, que é um tema que trabalho até hoje: já fiz cinco documentários sobre Canudos até hoje. No ano passado eu fiz mais um. Então teve esse substrato, teve isso que aconteceu aqui, e aí teve *O Panelaço* (2002) na Argentina... aqueles anos foram bastante efervescentes, né? Eu fui morar em Porto Alegre pra ficar mais próximo daquela situação toda, né? Aí fiz *Fábrica Brukman: bajo control obrero* (2003) também nesse período, que foi uma fábrica ocupada, né? Fiz trabalho com o Movimento de Trabalhadores Desempregados, então foi um ativismo bastante forte. Mas eu acho que o *Maião Baiano* foi um início forte para entrar de vez nesse ativismo.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Na sua produção você pensa no documentário como tendo uma função, um objetivo?

Carlos Pronzato: Bom, o primeiro objetivo é eu entender o que está acontecendo [risos]. Eu tentar me livrar de certas dúvidas sobre certos temas... então primeiro é esse ponto: eu quero saber o que está acontecendo. E assim como escrevo um livro, eu vou e tento explicar,

tanto pra mim quanto pros outros. Claro que tem um olhar, tem uma interpretação dos fatos, não é apenas registrar, eu não sou jornalista, né? Então a partir daí os objetivos são vários. Um deles é que sirva como ferramenta de luta. Ontem mesmo [primeiro trimestre de 2016] passou o filme lá em uma Audiência Pública em São Paulo, na Assembleia Legislativa com os meninos estudantes. Isso é ferramenta política. Quando passa em um cineclube tem um outro objetivo, mais histórico talvez. Sem deixar de lado a questão da ação política imediata, é um filme de reflexão sobre a realidade: ver o filme e ir pra rua. Uma coisa que eu sempre pregava naquela época, porque os filmes eram feitos na hora: *Panelaço*, *Maião Baiano*, esse mesmo de agora (*Acabou a Paz* - 2016).

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: O MPL falou que usou muito o *Revolta do Buzu* (2003) nas mobilizações. Como você vê isso do MPL pegar seu filme sobre uma revolta de tarifas e usar para gerar novas revoltas?

Carlos Pronzato: Ah, isso é incrível, porque digamos que não é apenas a TV que pode fornecer material, munição para isso. As pessoas viram, por exemplo, a repressão que estava acontecendo lá em São Paulo e em seguida a população foi se solidarizar com as pessoas que estavam sendo agredidas, né? Mas também durante o tempo em geral, o tempo vai passando e os filmes vão sendo vistos, não é apenas algo da TV. É isso que me dá uma grande satisfação, porque os filmes

estão sendo utilizados para construir movimentos, não é apenas para ir pra rua um dia e protestar. O MPL foi um processo de quase 6 anos até a explosão em 2013 e o filme, segundo eles, foi bastante utilizado. Lá no período mesmo, antes da construção dos MPL já chegava gente aqui na Bahia pra ver o filme, circulava muito, tinha pouca internet em 2003. Tem uma experiência famosa que eu sempre lembro, que é a marcha indo pra Lapa, e eu filmando. Era praticamente a única câmera e ia na frente filmando, aí acabou a bateria! A marcha parou até eu recarregar a bateria. Isso foi em frente à Biblioteca Pública, era um monte de gente saindo da Piedade, da praça central e indo pra Lapa. Aí paramos em uma vendinha. Eu carregando a bateria e o cara gritando “a câmera do Pronzato está sendo carregada, um minuto, gente!” Isso é incrível! Aí paramos uns cinco minutos assim, carregamos e seguimos a marcha. Eu me inseri dessa maneira dentro do movimento, interagindo completamente. Na hora da repressão estava ali com eles também e tudo mais. Mas tem gente que faz isso muito melhor aí, faz Instagram, vão preparados pra isso, hoje há um interesse maior em cobrir esse tipo de fato. O meu trabalho agora está sendo mais pela reflexão, né, pelo discurso extraído daqueles que participam. Depoimentos articulados que criem uma narrativa importante.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Desde o Maio Baiano você produziu mais de 60 filmes, é quase 4 por ano, como é a sua escolha de tema?

Carlos Pronzato: Na verdade são mais de 70 filmes! Mas alguns são curtas, por exemplo, aquele curta de Canudos, tem o do Pierre Verger, que são filmes também culturais, né? Tem um sobre Jorge Amado, de 30 minutos, tem outro sobre Rômulo Almeida, uma figura do governo Vargas. Tem outras coisas também, entendeu, não é apenas... quando eu digo apenas eu digo sem desmerecer esse tipo de trabalho. Mas o conjunto é mais amplo, são outros temas. Agora mesmo estou trabalhando sobre Rubem Braga, que é um cronista capixaba, o maior cronista do Brasil. Eu tento variar um pouco para não me enferrujar com essa coisa política, no mau sentido. Política no mau sentido é política institucional, né? Não há uma dimensão programática, não é? Depende das necessidades da realidade, que oferece uma dinâmica constante e você precisa estar atento. Como agora o tema do golpe, todos esses processos. Eu gostaria de estar trabalhando sobre isso. Eu fui à Brasília, estou acompanhando, estou lendo todo o possível, acompanhando o canal legislativo diariamente. Estou vendo tudo isso, mas ao mesmo tempo tem os estudantes. Um outro formato político que me interessa mais. Só que o outro atingiu uma dimensão nacional e você tem que estar no meio disso. Então, no meio disso estou fazendo um outro trabalho, porque é um compromisso assumido, sobre Manuel Lisboa, que foi um militante do tempo da ditadura e fundador do PCR, né? É convite, entendeu? Tem filme que é convite. *A Dívida Pública Brasileira - a soberania na corda bamba* (2014), por exemplo, foi um convite da Auditoria Cidadã da Dívida. Tem

filmes que são a convite, são propostas, aí eu vejo a que me interessa. Chovem propostas. Tem gente que é mais consciente, sabem que tenho custos, que tem um tempo investido, entendeu? Aí eu entro nos projetos mais sérios, digamos. Todo mundo hoje quer fazer documentário, virou febre.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você fez muitas biografias. No caso de *Jorge Amado* (2012), *Marighella* (2011) e *Calica* (2011) você escolheu formas diferentes de contar as biografias: no Jorge Amado você colocou um leitor para falar, no Marighella você colocou várias pessoas e no Calica uma pessoa só. O que te levou a tomar essas decisões?

Carlos Pronzato: O Marighella é realmete um trabalho de maior fôlego, foi feito assim durante 2 anos, o que pra mim é um tempo imenso. Tem gente que fica 10 anos em um projeto, 5 anos. Eu sempre trabalhei tirando o máximo do mínimo, que é uma experiência que eu carrego da minha viagem pela América Latina. Isso me ajuda bastante a circular, trabalhando em tudo que você imaginar, vendendo artesanato, livros. Eu tenho essa coisa meio do escambo. Interagir é minha estratégia de sobrevivência. Então eu aplico um pouco isso. E o teatro também tem sua importância nisso, porque o teatro tem aspectos artesanais. O teatro tem essa coisa artesanal, do fazer arte, que sempre utilizei no teatro independente, trabalhando com grupos. Isso também tem muito a ver com esse tipo de trabalho que eu

desenvolvo no chamado cinema, nesse audiovisual que não é um cinema industrial. Já trabalhei também no cinema industrial lá na Argentina, que me deu ferramentas, mais culturas do que técnicas. Porque não cheguei a pegar em câmeras na época, não era nem assistente, era estagiário! Cheguei como ajudante de direção, aquela figura da claquete. Isso no cinema industrial. Sempre me interessaram as biografias. Leio muitas biografias desde adolescente, gostava daquela coisa dos grandes homens e mulheres da história. Se bem que a proposta política que eu mais defendo é a coisa mais coletiva, sem líderes, mas eu gosto dessas histórias de vida. A do Che mesmo, que estudei, fui lá na Bolívia, estive nos locais que ele esteve, entrevistei pessoas que estiveram com ele. Eu tento transmitir o que eu vivo na viagem. Agora tem a questão comercial para poder colocar o material em circulação. Eu faço os DVDs, vendo os DVDs, agora mesmo estou preparando uma leva de 30 cópias do *Acabou a Paz* para um sindicato local. E daí dá um recurso. Também tem os eventos. Ontem mesmo eu estive na frente da reitoria. Estava o Vladimir Safatle aqui, eu coloquei minha mesinha numa boa, coloquei meus filmes lá, as pessoas passam, compram e eu já saio com um recurso. Quando me convidam para falar vendo muito mais. Hoje à noite, por exemplo, estou na Escola de Direito, vai ter um evento sobre terceirização e vão passar meu filme da terceirização (*Terceirização: a bomba relógio* - 2015). Já tenho umas dez ou quinze cópias aqui para levar e vender depois da fala. Esse é meu edital, meu contracheque, sei lá, o dinheiro que eu teria como professor se desse aula em uma faculdade, como já dei.

Mas essa dinâmica que eu tenho não me permite estar com um horário fixo em um lugar. Eu gostaria, adoraria, é meu sonho estar dando aula em uma faculdade, montar um núcleo. Mas não dá com essa dinâmica de estar viajando a toda hora... agora mesmo, quinta-feira, vou pra Recife.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você tem na sua produção um pavilhão de memória da esquerda latino-americana. Fala mais sobre essa relação. Você tem essa preocupação em produzir essas memórias da esquerda?

Carlos Pronzato: Isso de memória e história oral, eu adoro isso. As pessoas podem inclusive estar criando cenários fantasiosos, né, ninguém sabe! Esse filme *Calabouço 1968: um tiro no coração do Brasil* (2014) foi um convite daquele pessoal que eu tinha conhecido no filme *Marighella* e que também eram do *Calabouço*. E o resultado foi bem interessante, eles gostaram muito. A ideia é tentar extrair às vezes não apenas uma memória gráfica do que aconteceu, mas procurar os espaços emotivos que possam surgir durante o relato. E é por aí que se constrói o roteiro, porque eu trabalho com roteiro, mas não é um roteiro prévio para o filme. Quando em uma biografia consigo fazer um filme biográfico, de memória, que tenha um elemento poético, emotivo, fico tranquilo: o recado foi dado. Muita gente às vezes me diz que meus filmes são tradicionais na sua organização, lineares, que não há tanta procura de linguagem. Pelo

menos por agora eu trabalho com linearidade, uma certa cronologia dos fatos. Mas não é apenas isso. Isso seria um filme estritamente didático, proposto por uma instituição, e eu nunca fiz assim. Primeiro porque nunca me chamaram pra isso, né? Mas a gente consegue se colocar em oposição a esses filmes encomendados, que eu acho em geral muito ruins, esses filmes que a secretaria faz, que as instituições fazem. Raramente você encontra um filme que tenha arte, que pule além dessa coisa normal. E a gente tenta fazer isso. É didático para uns, mas para outros é poéticos. Eu não me fio muito a uma estrutura dominante de como deve ser feito um documentário desse tipo. É pura criação, puro acaso às vezes. Situações, elementos discursivos que aparecem, uma figura que surgiu não sei de onde e apareceu no filme. Tem muito disso, tem muito disso. Tem muito de uma decisão que deve ser tomada na hora.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você ganhou um prêmio de júri popular em festival com o *Até Oxalá vai à guerra – uma história de racismo e intolerância religiosa* (2008). Conte-nos essa história.

Carlos Pronzato: Esse filme tem uma história muito interessante. Eu estava chegando aqui na Bahia de uma dessas viagens, passei aqui pela Câmara Municipal e tava todo mundo vestido de povo de santo do lado de fora da Câmara. Estava tendo a entrega de uma medalha para a Kátia Carmelo. O pessoal foi lá protestar e eu entrei naquela

hora. Eu conhecia algumas pessoas, perguntei o que estava acontecendo, entrei e também protestei. Só que eu me excedi, acabei acusando a chefia da casa e me jogaram pra fora! Aí o pessoal que me viu chegou pra mim e perguntou “e aí, o que aconteceu com você? Você tem que pedir indenização...” daí eu “não, não, não, a gente vai fazer um filme do que aconteceu aqui, não se preocupe não”. E surgiu um filme disso, entendeu? Foi por uma questão que eu sofri na pele. Tem situação que eu não sofro na pele, quando eu trabalho com *Sem Teto, Sem Terra*. Mas esse aí eu sofri mesmo na pele e acabou virando um documentário. Fiz ele com um amigo italiano, que é cineasta e mora aqui há muito tempo. E foi legal porque circulou muito, foi adotado aqui pela secretaria da questão racial, foi distribuído nos terreiros. O título é interessante porque é uma fala da mãe de santo que foi agredida. E o título surge dali, ela fala “se até Oxalá vai à guerra, porque a gente não pode resistir a isso e tal”. O título está dentro do filme. Assim como tá tudo dentro lá. Muito além do que se diz está dentro do documentário. E isso que é difícil enxergar. Eu transitei esse mundo da ficção. Meu pai me levava nos estúdios quando ele colocava música nos filmes; ele foi roteirista de cinema também. Eu venho daí, venho de um ambiente artístico, minha mãe era pintora e fotógrafa. Então eu trago um pouco disso pro documentário. De alguma maneira eu acho que isso me salva dessa questão apenas de registro de fatos, mas alguns ainda consideram que meus filmes são isso.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Como é essa sua relação com os festivais e os diretores brasileiros?

Carlos Pronzato: O Sílvio Tendler é um grande amigo, um grande incentivador do meu trabalho. Ele me colocou naquele filme do Milton Santos. E estar ali nesse filme com Milton Santos deu muita visibilidade ao meu trabalho, entendeu? O Sílvio além da entrevista que ele me faz, ele utiliza vários materiais que eu passei pra ele na época, o painel, aqueles da Bolívia, os dos sem-teto. Há uns anos que não participo de festivais, não mando material... é uma coisa às vezes meio burocrática. Mas naquele período mandei, ganhei um prêmio da CLACSO (Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais), com o filme *La Rebelión Pinguina: los estudiantes chilenos contra el sistema* (2007). Depois veio um prêmio na Itália, tudo naquele período, o período que eu decidi participar de festivais. O *Carabina M2: uma arma americana* (2006) ganhou aqui na TV Educativa o prêmio de melhor documentário. Tem vários prêmios. Mas desde aquela época eu não tenho participado muito. Realmente eu tenho que entrar de novo nesse âmbito, porque dá uma outra visibilidade. Muito menor do que o que a gente tem diariamente com esses filmes, claro. Hoje mesmo passa um filme aqui, amanhã passa não sei onde. Se você junta todos esses públicos que a Ancine não reconhece como públicos, porque só reconhece quem vai ao cinema e paga o ingresso... Então a gente tem muito mais público do que qualquer filme desses patrocinados por edital que fica um par de semanas em um cinema e

sai, ninguém mais vê. Claro que quando vai pra TV aí supera todos os tipos de público que a gente possa ter... se bem que não sei, porque ainda tem os DVDs e as pessoas copiam e circulam, e eu acho ótimo. Os filmes patrocinados não deviam nem ser vendidos. Deveriam ser dados. O meu que tem que ser vendido, que é feito com poucos recursos. Nesse mundo dos festivais esse prêmio do *Oxalá* foi legal porque foi júri popular, das pessoas, e foi a maioria mesmo.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Agora sobre esse documentário a *Comédia Negra de Buenos Aires: Teatro Afro Argentino* (2011). Você é de Buenos Aires, que é uma cidade que teve uma participação negra muito grande que foi escondida, e depois você foi morar em Salvador, uma cidade onde a presença negra é escancarada. Como é que foi voltar para fazer o *Comédia Negra em Buenos Aires*?

Carlos Pronzato: Foi justamente a partir do *Até Oxalá vai à guerra – uma história de racismo e intolerância religiosa*. Eu o levei para um evento na Fundação de Estudos Brasileiros, em Buenos Aires, que era um local, mas hoje não é mais, bancado pela embaixada brasileira. Era um local, acho que agora é privado, onde se ensina português, têm ciclos de cinema, de teatro, um lugar fantástico, onde tem a divulgação da cultura brasileira. Então ali foi exibido esse filme. Tinha um antropólogo amigo meu, que eu não via há muito tempo, ele vinha muito aqui na Bahia e é um dos poucos que pesquisa esse tema

na Argentina. Ele adorou o documentário e disse: “olha, queria fazer um trabalho aqui, eu tenho um tema sobre uma senhora que fez teatro negro”, e aí surgiu essa proposta. Ele me levou, conhecemos ela, tivemos várias reuniões. Era uma senhora já de idade, na época com quase 90 anos, a Carmem. Daí surgiu esse trabalho com esse antropólogo, que se chama Alessandro, um trabalho fundamental, por que resgata raízes negras que há em Buenos Aires, tanto na cultura, no dia a dia, no cotidiano. E aí o *Comédia Negra*, de alguma maneira, resume muito esses aspectos do teatro que ela tentou desenvolver e teve problemas graves com a ditadura para levar adiante. Há toda uma tentativa de invisibilizar o negro na Argentina, na história, na sua atualidade, o seu extermínio. Esse documentário é feito com uma única pessoa, como outros que eu tenho, são vários assim. É uma tentativa ousada de manter uma dinâmica de interesse em uma única pessoa, mas até agora tem dado certo. Eu tenho uns 5 ou 6 assim. Foi um trabalho que teve uma repercussão muito interessante aqui, porque ninguém entende como falar de negro na Argentina. É uma cidade que teve metade da população de origem africana em determinado momento, e depois passou a ter a metade de estrangeiros. Mas eu acho que também tem outras questões, de todos nós que moramos nesse continente e temos alguma relação intensa com a terra. É a questão africana, indígena e popular que me leva a fazer um cinema desse tipo, o resgate disso, do confronto com essa realidade vivida.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você fez um documentário sobre o Pierre Verger que, de certa forma, fez um caminho parecido com o seu: era um viajante que se apaixonou pela Bahia e resolveu ficar lá. Fale-nos um pouco do Verger, mas também da sua opção de escolher a Bahia para ficar depois de viajar o continente todo.

Carlos Pronzato: Você me perguntou isso na outra pergunta sobre o *Comédia Negra*. Então, é interessante eu morando aqui e ir lá e fazer um filme. Eu acho que isso também tem uma relação, eu não sei, algum tipo de instrumental, que a gente não conhece, não sabe ainda, não conhece tudo que está acontecendo por trás dos fatos dimensionáveis, explicáveis, tem alguma coisa. Eu acredito muito nisso também. A gente acaba sendo instrumento de alguma coisa. Dá pra entender isso?

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Dá demais!

Carlos Pronzato: Então, eu acho que eu me sinto um pouco assim, às vezes me sinto assim, não seria a palavra preso, mas me sinto dentro de algumas elaborações, talvez invisíveis, que incidem em meu trabalho por que é muito interessante eu estar morando na Bahia e fazer um trabalho assim. Porque eu, justamente, venho fazer esse trabalho? Ele poderia ter feito isso com outras pessoas. Por que eu tenho que estar aqui na hora que está acontecendo um protesto sobre

agressão em um terreiro. Estou chegando, passo e faço um filme. Por quê? Eu me pergunto essas coisas. Não, por exemplo, no caso dos estudantes, que eu fui a São Paulo, e estava acontecendo isso. Claro que eles utilizaram o meu filme do Chile, dos Pinguins, e também fui ao Chile quando eu soube disso e aí é diferente. Eu não estava lá, passando, e vi. Eu fui propositadamente para fazer isso lá, mas tem muitos casos. O do Jorge Amado, por exemplo, foi uma coisa incrível. Eu sonhei com um cara que eu tinha conhecido alguns dias atrás, um colombiano que estava aqui. Eu estava morando no Pelourinho, naquele tempo. Olha só! Eu estava morando no Pelourinho, no centro da coisa, e aí eu encontro com ele, alguns dias depois, todo vestido de branco, bem cedo, pela manhã. Eu disse: “olha, eu sonhei com você ontem e eu quero falar com você depois. Pode?” “Posso”. Pronto. Eu voltei no evento, falei e fizemos o documentário sobre o Jorge Amado. Você acredita nisso? E o engraçado é que eu faço documentários, né?

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Através do encontro.

Carlos Pronzato: É, digamos. Ou poeta, também escrevo, claro, mas aí tudo bem. Então, esse circuito, tudo isso, e também a mística, eu sempre tive isso. Minha mãe falava sempre que eu era bastante místico, que era parte da gente. De alguma maneira isso se revela nessa coisa, no instante de tentar ver esses sinais para fazer as coisas.

Por exemplo, eu poderia não ter feito esse filme dos estudantes. Como eu falei, os estudantes não estão nesse universo do que eu falei agora, mas eu tive que decidir. Eu não estava em São Paulo, eu estava aqui. Eu estava pensando em ir para Minas, por que dias antes tinha acontecido o desastre da Samarco, que é um tema que ainda vamos tocar, com um projeto. Aí mesmo onde você está, com a galera daí, com uma equipe que eu conheci quando eu fiz o filme *Dandara - enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito* (2013). Fizemos uma reunião no Mofuce, no Santo Agostinho. A ideia era essa, mas agora, quando eu vi o sucesso do filme de São Paulo... E quando voltei a Minas, era tarde para começar o projeto em função do filme dos estudantes que modificou minha agenda. Essa ida minha a São Paulo era por muito menos tempo. Aí eu filmei, fui para a Argentina no final do ano, e voltei e durante o carnaval quando editamos o filme. Tive uma passagem pelo Uruguai, onde trabalhamos fazendo um balanço do que foi o governo do Mujica. Mas isso foi antes de começar a editar o filme dos estudantes em São Paulo. O que eu queria era isso. Eu fui pra lá, claro, levado pelo quê? Apenas pelo fato? Ou por alguma outra coisa que me fez decidir por uma coisa ou por outra? Tudo é decisão na vida, mas o sucesso que está tendo esse documentário eu nem imaginaria quando eu fiz. Uma coisa de louco! Toda hora tem... agora mesmo chegou convite do CineMaterna, no Rio, para passar o filme, para eu estar lá. Eu não posso. O filme já está no Youtube também. Ontem veio um convite de Petrolina. É uma coisa de louco! Esse documentário extrapolou tudo, porque você

sempre recebe convite, mas esse está tendo uma repercussão fantástica.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: E o movimento nem acabou ainda, né?

Carlos Pronzato: Tinha parado, mas parece que irriga. Parece que abafou um pouco por causa do Impeachment, e aí aparece de novo esse tema. O que eu pensava era “olha, parece que Impeachment abafou os estudantes”. Termina o tema, entrou novamente em campo os estudantes.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Aproveitando o tema do Impeachment e a questão do Mujica, você tem um documentário sobre as Jornadas junho, o *A partir de agora* (2014). Tem muita gente, principalmente ligado ao governo federal, que tem dito que Junho marcou a volta da direita brasileira pra rua...

Carlos Pronzato: Hahaha.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: O que você acha dessas pessoas falando isso?

Carlos Pronzato: A mim, me faz me sentir muito mal. É um discurso totalmente impregnado de parcialidade dizer que um governo que não

conseguiu, em tanto tempo, 14, 13 anos, ir além de uma política compensatória, o que qualquer governo de direita faria também. Uma expressão pura de um governo de esquerda não seria uma política compensatória, seria uma política transformadora. Algo que tentasse resolver os problemas, e não trabalhar junto aos grandes bancos, com grandes entidades que financiam tudo para continuar ganhando mais e mais sem oferecer alguma relevância nas políticas públicas. Então tudo isso parece que explodiu. De um lado a população geral se incomodou com tudo isso, por que tinha de tudo, mas por outro é um pouco reflexo disso, do que não se avançou durante esse tempo. E eu discuto também, porque acho ridículo aquele que diz “não, as pessoas que conseguiram alguma coisa agora querem mais”. Este testemunho, isso tá no filme. “Ah, conseguiram alguma coisa, atravessaram uma linha da pobreza, agora querem mais”. Tudo bem! E o povo vai querer o quê? Um computador melhor? Um carro melhor? Uma casa melhor? Isso é consumismo puro, né? E graças a esse consumismo é que estamos onde estamos hoje, um povo completamente oco de formação política. A gente ficou em um deserto, uns com filmes, outros com livros ou com trabalhos políticos nas periferias, nas faculdades, na escola, mas ficou um deserto. Claro, eu prefiro esse do que o outro, não conseguiu avançar. Claro que não é só por que tem um congresso assim ou assado. Se você é presidente, você tem que tomar uma atitude, que só parece estar sendo tomada agora, à beira do precipício, e de costas, olhando pro povo e caindo no precipício. E aí é muito fácil e ainda é muito pouco, a coragem é mínima. Eu não estou vendo

grandes declamações chamando o povo à luta. Então, esse negócio de Junho eu acredito que foi ao contrário. Acredito que essa questão que se chamou a direita à rua, da maneira prática o que aconteceu é que as pessoas saíram, não só a direita. Todo mundo que não sabe o que é direita e nem esquerda. Uma massa completamente heterogênea foi pra rua, mas o início de tudo isso foi o aumento da passagem, uma luta concreta que foi vencida. Foram aqueles 20 centavos.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você fez vários filmes sobre essa luta tarifária, correto? Uma luta que você acompanhou por 15 anos, a luta pela redução da tarifa.

Carlos Pronzato: Claro, esse foi o meu interesse inicial. O que veio depois foi outra coisa que está em jogo ainda, está em disputa, e que não está só aqui, mas está em disputa no mundo. Uma política que está morrendo, se já é que não está morta há muito tempo: a política institucional, de partido, pelo menos os financiados como esse, não? Não os pequenos partidos históricos, que tem um programa realmente importante, talvez não aplicável, como costuma ser com os partidos comunistas. Gente séria e partidos que não estão nem participando das estruturas do governo, e não esses partidos de aluguel criados para se autofinanciar se locupletando dentro de um sistema que está podre, está caindo, e isso aí é fantástico. Por um lado, esse esquema do Impeachment, está mostrando em que estado, em que lama, e não é a da Samarco, é outra talvez pior, que envolve todo o país, e que mata

de muitas formas e não somente como matou a Samarco. Ela mata de fome, mata de inércia, mata milhões de enfermidades diárias em que o indivíduo não tem dignidade para viver em uma sociedade. Isso é muito pior! Mas vamos ver o que acontece daqui pra frente. *A partir de agora* foi o título justamente por isso. Em um momento, eu comecei achar que não ia dar em nada, mas aí surgiram os estudantes, que são os filhos daquele processo de Junho. Então, se a direita surgiu, também surgiram as escolas ocupadas, claro que com estudos sobre o que aconteceu no Chile, com novos desafios. É um tema bastante complexo, mas eu acho que Junho tem um peso importante, tanto é que os meninos que estão nas escolas participaram de Junho e o MPL também está inserido nisso aí. Claro que tem também uma dessas frases da ignomínia que surgem de vez em quando, como se questão da merenda não fosse político. E a resposta não é política? É política. E dizer que tem sindicato dos professores por trás, que tem algum partido político por trás... é lógico que tem! Sempre tem. Partido por trás, pela frente, por dentro. Nos Pinguins, no Chile, também tinha. A organização é política também. Está todo mundo ali tentando tirar alguma vantagem. É o que fala Sílvio Tandler justamente no filme *A partir de agora*. Eu não vou parar de lutar por que a direita esteja junta. Essa polarização precipitada faz as coisas se dividirem em dois campos artificiais, “petralha” e “coxinhas”. É uma coisa ridícula! Você vê as discussões nas ruas e tem muito sentido, por que estamos presos em uma TV que só fala em “petralhas” e “coxinhas”, na mídia.

O leque é muito maior. As vozes que realmente querem transformar alguma coisa não estão à vista, não estão evidenciadas.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: E você faria um filme sobre a direita na rua, Pronzato? Sobre a direita na rua?

Carlos Pronzato: Não, eu não faria, mas tem gente que está fazendo e eu acho legal. Eu confesso que não tenho estômago. Eu fui à Brasília e comecei a entrevista pelo lado direito, justamente, o lado onde estão com a bandeira nacional.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: E você conseguiu sobreviver?

Carlos Pronzato: Eu fui no início e não consegui avançar muito. Eu atravessei o cordão policial, entrevistei algumas pessoas que chegam de bicicleta, de patinete, de táxi, peguei alguns depoimentos, mas não aguentei mais. Aí fui para o outro lado, mas também pra escutar a mesma coisa de sempre, infelizmente, do pessoal. Acho que esse é o grande problema: falta o povo entender o que está acontecendo.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Você fez um filme sobre o Lugo (2008), do Paraguai, sobre o Evo (2006), na Bolívia, e falou que está fazendo um filme sobre o Mujica. No Brasil, você não só não fez um filme sobre a política institucional, como fez vários

filmes onde criticaram posturas do governo. Queríamos entender essas suas escolhas. Como se deram?

Carlos Pronzato: Mujica por que foi um astro popular, um ídolo pop, a lenda é muito importante e tem todo um trabalho feito no Uruguai com gente com postura muito crítica ao Mujica e que não são de direita, são de esquerda, digamos de extrema esquerda, Tupamaro. Eu já fiz dois trabalhos no Uruguai, pouco difundidos por que, aqui, não tiveram legendas em português. Circularam mais na época no Uruguai, Argentina, mas não teve muita saída. Por escolher a crise que se revelou na Argentina, e imediatamente no Uruguai, eu fui pra lá. Fui morar 3 anos em Porto Alegre, e não aconteceu nada de mais, mas eu fiz um filme da mesma forma, levantei muitas testemunhas naquele período de crise e foi o pior título que eu já pus, o pior que se possa imaginar: *Uruguai em crise*. Isso foi em 2002. Eu fiz esse usando uma crítica muito forte, naquele período, da imprensa anarquista, Tupamaro, e Mujica ainda não era presidente, era o Tabaré. Foi um produto daquele processo todo da Frente Ampla, que lá funcionou e aqui não. Daí eu fiz um outro sobre Tabaré quando ele assumiu, que foi o primeiro governo de esquerda no Uruguai e aí são esses dois filmes.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: E você pretende fazer alguma coisa sobre o Impeachment no Brasil, Pronzato? Sobre o golpe?

Carlos Pronzato: Eu estou mastigando tudo isso, mas essa pergunta sobre a direita eu tentei ir lá, mas não deu. Eu poderia fazer, mas tem gente muito interessante fazendo e esse discurso está todo dia no rádio, na TV, é o mesmo que você escuta todo dia no programa de opinião. Um pouco mais exacerbado, por que na TV o jornalista não iria fazer, entendeu? Estou sentindo isso e tudo está avolumado nos meios de comunicação. Eu gosto de ir pelo outro lado, procurando testemunhos que você praticamente nunca vê.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Tem alguns temas que a gente ficou esperando encontrar no filme seu como, por exemplo, a Copa, as Olimpíadas. Você tem algum projeto?

Carlos Pronzato: Não, não, está bastante morno. Eu acho que a mentira já foi, de alguma maneira, tocada no filme. Eu não sei como vão se comportar lá no Rio. Eu estou indo pra lá, antes desse período. Vamos ver. Dentro do filme *A partir de agora* tem um bloco, um fragmento falando desse tema da Copa especificamente. Em Belo Horizonte também tem um depoimento falando disso. Tem essa coisa, está inserido, mas eu não fiz nada específico porque não achei que iria ser tão transcendente, mais do que Junho. Da Copa ninguém mais fala. De Junho está se falando até hoje, não? Tanto mal quanto bem. Mas sobre a questão dos presidentes que vocês tocaram, é interessante, porque eu vim acompanhando o Evo Morales, Tabaré, Mujica agora

por que eu acho que são processos populares importantes para serem discutidos, não porque eu me reflita neles. Se bem que com o Evo Morales eu tive uma aproximação muito maior, com o processo indígena, de respeito a uma coisa mais original de fazer política, trazendo o mundo indígena para a política. Eu presenciei atos dificilmente vistos aqui onde o presidente está praticamente no meio do povo, compartilhando comida com povo, indo em atos, uma coisa completamente mais próxima. Claro que não reflete o que poderia ter sido feito também. Ele está inserido em uma problemática muito mais drástica do que aqui, inclusive, onde os recursos, ainda que vocês não acreditem, são muito piores do que se fala daqui, de Lula e o do povo. O racismo é assumido já há muito tempo na Bolívia. Quando terminou o Mandela lá, o Apartheid no sul da África, o único país com Apartheid é a Bolívia. Uma coisa impressionante as coisas que você escuta e vê. Então um governo com cara indígena poderia ter sido mais drástico também, mais radical, tinha outras comunas indígenas que poderiam ter tomado o poder na época. Então isso me interessou bastante, mas agora não é que eu acompanhe isso com um interesse ou que eu defenda como outro cineasta tem defendido na sua época, como posição política, como braço de um discurso político, como aquele em Cuba, que é o cineasta, digamos, da revolução em Cuba ou... Quem seria aqui? Tiveram vários. Renato Tapajós.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Tiveram uns dois filmes sobre o Lula. Teve uma biografia, depois teve aquele outro sobre a campanha.

Carlos Pronzato: Tem, mas aí é outra coisa. Tem a Mídia Ninja agora que é ligada ao governo. Eles estão acompanhando isso também, né? A favor do governo e tudo mais. A gente está inserido em uma militância um pouco complicada. Para alguns a gente é petista, para outros é anarquista. Essa ambiguidade eu acho um barato, porque deixa a gente trabalhar tranquilo.

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Para finalizar, gostaríamos de saber se tem alguma coisa que você gostaria de ter falado, que a gente pudesse incluir. Mais alguma coisa que você acha que a gente não perguntou e que pode ser importante perguntar.

Carlos Pronzato: Olha, tem um milhão de coisas!

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Sempre tem, né?

Carlos Pronzato: Porque explicar os outros é fácil, explicar você é difícil. Não estou brincando. Não é nada fácil não. É uma maneira muito mais complexa você tentar se explicar. É melhor que os outros nos expliquem. As perguntas foram muito boas, bem instigantes para o trabalho, muito além de muitas perguntas que a gente escuta. Os

jornalistas não tem porquê ficar o dia todo estudando textos como vocês, não precisam disso. Vocês são da área de história, né?

Matheus Machado Vaz e Valdeci da Silva Cunha: Isso, somos da história!

Carlos Pronzato: História oral, né? Bom, eu acho que esse tema de Junho é bastante interessante. Eu acho que a gente se sente um pouco na responsabilidade de colocar lenha no fogo. É um pouco o que a gente faz. Então, a gente está querendo que seja um fogo bom, que não seja um para destruir. É claro que toda a destruição é positiva, como dizia Bakunin, temos que destruir para poder criar. Mas nesse sentido sim, tudo bem, mas com toda essa responsabilidade é bom que esse Junho seja entendido na verdadeira dimensão e eu adoro quando me convidam para eventos onde eu posso falar, justamente rebater essa noção que o PT tem de dizer isso, que trouxe a direita e se trouxe, é muito bom, por que é muito fácil governar assim, com pessoas que estão aceitando tudo. É bom que ninguém aceite nada e que todos passem a discutir. Se o preço é esse, vamos ver o que vem depois. Então, eu agradeço a vocês pela entrevista.

Recebido em 14 de maio de 2016; aprovado em 28 de maio de 2016.